

Filho e Espírito Santo, é o Deus da Vida, e da *vida em abundância* (Jo 10,10).

Creio, amo e sonho com este Deus. Meu grande "sonho de Deus", é intuí-lo e acolhe-lo em sua criação, criaturas, na revelação, em Jesus, na Igreja e nas aspirações e sofrimentos da humanidade atual, para sempre mais conhecê-lo, amá-lo e anunciá-lo em tudo e em todos, particularmente nos mais pequeninos, para enfim, contemplá-lo por toda a eternidade.

Neste início do terceiro milênio da era cristã, precisamos evangelizar as idéias e os conceitos de Deus. Precisamos nos reevangelizar no corpo, na mente, no coração e no espírito, para que o Deus Trindade, fonte de toda comunhão, vida e amor, seja mais conhecido, seguido, anunciado, acolhido e amado por todos.



Endereço do Autor:
ITESC - Cx. Postal 5041
88040-970 Florianópolis SC

EXATOS
Teológicos

Dom Hélder Câmara, "Dom" de Deus à Igreja do Brasil, certamente foi uma das personalidades marcantes da Igreja e do mundo no século findante. Com os tópicos "homem de Igreja", "Pastor de uma Igreja pobre e materna", "Pastor de misericórdia", "purificado na noite escura", "no silêncio que santifica", o Autor esboça um retrato impressionante desse profeta das "minorias abraâmicas" e visionário de um "ano 2000 sem miséria", que foi Dom Hélder.

DOM HÉLDER, "DOM" DE DEUS À SUA IGREJA

Pe. José Artulino Besen

Professor de História da Igreja no ITESC, membro do Inst. Hist. e Geog. de Santa Catarina, da Academia Catarinense de Letras e da Associação Catarinense de Escritores, atualmente em gozo de ano sabático em Roma.

in memoriam



O falecimento de Dom Hélder Câmara, aos 27-8 p.p., com mais de 90 anos de idade, suscitou uma avalanche de artigos e comentários sobre a personalidade incomum deste "homem de Igreja" que foi, ao mesmo tempo, "irmão dos pobres" e cidadão do mundo. O profeta das "minorias abraâmicas" deixa um testemunho precioso para a Igreja em nosso país. Se a ditadura empenhou-se em silenciá-lo, tanto mais nos incumbe, a nós que o conhecemos, preservar e proclamar o seu legado.

Homem de Igreja

Sonhando com a união de todos os bispos brasileiros numa grande assembléia pastoral e fraterna, surgiu a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB-1952). Dom Hélder, então Padre Hélder Pessoa Câmara, foi seu primeiro Secretário. Contava com o estímulo e o apoio de Giovanni Battista Montini, depois Papa Paulo VI (1963-1978), um entre os maiores papas da história da Igreja. O mesmo ideal é lançado em nível continental, e surge o CELAM (Conferência Episcopal latino-americana).

O arcebispo de Olinda-Recife (1964-1985) foi um dos bispos mais atuantes do Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-1965). Mas, estranhamente, nunca tomou a palavra durante as sessões. Era um santo conspirador. Sabia ele, bispo franzino de um país pobre e distante, que, influência mesmo, tinham os altos e fortes bispos europeus, inteligentes, famosos, cercados dos melhores teólogos do mundo. O que fazia, então, Dom Hélder? Gostava de transmitir seu ideário ao grande bispo de Bruxelas, o Cardeal Leo Suenens. E na hora certa, Suenens falava para uma assembléia que o conhecia e respeitava. E Dom Hélder, o cearense baixinho, frágil, sorria feliz por ver os novos caminhos pastorais que a Igreja ia assumindo. Não tinha interesse de aparecer, pois lhe interessava mesmo era ver a Igreja sempre mais comprometida com seus filhos, com toda a humanidade.

Paulo VI tinha um grande afeto pessoal por Dom Hélder, que o visitava como amigo. Ajoelhava-se pertinho do Papa, batia com as mãos em seus joelhos e dizia: "Coragem, Santo Padre, coragem!" Lembrava, nessas horas, Santa Catarina de Siena, jovem, analfabeta, que no século 14 tomava a mesma liberdade para com o Papa Gregório XI: "Coragem, paizinho meu, seja homem!" Ela queria que o papa deixasse Avignon e fosse morar em Roma, o que conseguiu.



Pastor de uma Igreja pobre e materna

Logo após o Concílio, numa dessas conversas com Paulo VI sugeriu: "Santo Padre, abandone seu título de rei e vamos reconstruir a Igreja como nosso Mestre, sendo pobres. Deixe os palácios do Vaticano, vá morar numa casa na periferia de Roma. Pode até ter uma praça para saudar e abençoar as ovelhas. Depois, Santo Padre, convide a todos os bispos a largarem tudo o que indica poder, majestade: báculos, solidéus, mitras, faixas peitorais, batinas roxas. Vamos amontoar tudo na Praça de São Pedro e fazer uma grande fogueira, dizendo de peito aberto para o povo: "Vejam, não somos mais príncipes medievais. Não moramos mais em palácios. Todos somos pastores, somos pobres, somos irmãos".

Dom Hélder fez isso quando foi nomeado arcebispo de Olinda-Recife. Vestiu uma batina branca, com um cordão pendurou uma cruz no peito; deixou o Palácio dos Manguinhos e foi morar na sacristia da Igreja das Fronteiras. Ergueu uma parede para fazer um quartinho, onde tinha a cama e uma mesa para estudar e escrever. Nunca mais vestiu outro paramento que uma túnica branca e a estola, nem nas mais solenes procissões. Quando ia a recepções em Roma, bispos, arcebispos e cardeais brilhavam nas sedas e púrpuras. Entrava Dom Hélder, baixinho, pobre, vestido apenas com sua batina branca, e as câmaras se afastavam do brilho das vestes para focalizar o brilho carismático de um pastor.

Um pequeno e seletivo grupo de bispos assumiu o mesmo compromisso após o Concílio, colocando-o em prática ao retornar a suas dioceses.

E, podemos perguntar, o que fez o Papa? Que grande Papa foi Paulo VI! A tiara (coroa tríplice que indicava seu poder como bispo, rei e patriarca) foi doada para que, com o dinheiro da venda, se ajudasse os pobres. Para indignação dos romanos, aboliu os cumprimentos e a presença da nobreza romana dentro do Vaticano. (Na época os jornais italianos desenhavam caricaturas em que o Papa varria príncipes, princesas, marqueses, duques e condes pelas escadarias do Palácio apostólico). Aboliu os *flabelli* (imensos leques de plumas das cortes orientais que os príncipes abanavam junto ao trono pontifício) e as pompas que o Papado tinha imitado e importado das cortes medievais do Império do Oriente. E mais, deu os passos decisivos para abolir seu título de "Rei" do Estado do Vaticano, agora administrado por um simples Cardeal.

Papa Montini tinha muito carinho por Dom Hélder. No auge da ditadura militar, quando queriam prendê-lo, expulsá-lo do país para que calasse a



boca, o Papa fazia saber pelos canais diplomáticos que não aceitava que mexessem com o arcebispo de Olinda-Recife, nem com Dom Paulo Evaristo Arns, nem com Dom Pedro Casaldáliga, nem com nenhum dos bispos-profetas brasileiros. Os militares se compensaram prendendo e torturando padres, religiosos e leigos...

Pastor da misericórdia

Certa vez, em pleno meio-dia, uma senhora pobre, não tendo onde se refugiar, colocou-se debaixo do altar-mor da histórica Basílica de Nossa Senhora do Carmo do Recife e deu à luz seu filho. Povo e imprensa protestaram: "Pouca vergonha. É nisso que dá deixar a igreja aberta e ter um bispo comunista. Não se respeita nem a tradição!". Dom Hélder, ao saber da notícia, ficou muito feliz. Reuniu os padres capuchinhos que administravam a igreja e falou: "Que beleza a igreja ser lugar onde nasce uma criança, lugar de vida. Deixem-na sempre aberta, para que mais mulheres pobres possam ter seus filhinhos dentro dela!"

3Noutra ocasião, a tradicional imprensa pernambucana noticiava a sem-vergonhice de uma prostituta: estava fazendo ponto quando na rua adjacente um pobre caiu, desmaiado, vertendo sangue por uma ferida. Condoída, a prostituta não pensou duas vezes: arrancou o pouco de pano que cobria seu corpo e fez uma atadura para estancar o sangue do infeliz. Evidente, ficou desnuda, um escândalo para os que estavam passando, catando prostitutas para programas: "Aonde chegamos com a imoralidade!"

Lendo a notícia, o arcebispo teve assunto para vários sermões: "Vejam, meus irmãos, que beleza que é Nosso Senhor. Ele disse que as prostitutas nos precederão no Reino dos céus. Foi o que aconteceu com essa mulher: não tinha nada para dar, e deu do pouco que tinha, os paninhos que cobriam seu corpo, para salvar a vida do pobre, não tendo receio de afrontar a humilhação e os desaforos".

Purificado na noite escura

Em 1968 um golpe militar no golpe de 64 estabeleceu a ditadura no Brasil. Anos de escuridão política, econômica, humana, intelectual. O regime, aliado à poderosa e maquiavélica Rede Globo, estabeleceu a censura nos jornais, revistas, rádios. Quis estabelecê-la na Igreja, prendendo, torturando e assassinando líderes cristãos.

Dom Hélder, já no Recife, pagou o seu quinhão. Pe. Henrique, seu



secretário, foi seqüestrado, torturado e assassinado, a mídia espalhando suspeitas horrorosas sobre a morte dele, para indiretamente atingir seus objetivos.

Como não podiam calar nem prender Dom Helder, proibiu-se de ouvi-lo. Até meados dos anos 80 seu nome não podia mais ser publicado ou pronunciado. As novas gerações brasileiras não conhecem Dom Hélder.

Devido a suas viagens para o exterior, apelidaram-no de "bispo voador", "pastor irresponsável" que não cuida do rebanho. Era mentira: eram algumas semanas por ano, quando ele peregrinava pelo mundo denunciando o armamentismo, o aumento da dívida externa, participava do Movimento internacional "Mãos Estendidas" e lançava o grande projeto do "Ano 2000 sem miséria".

Um cronista carioca escreveu que o problema desse bispo comunista era mulher: arrumando-se uma esposa para ele, sossegaria...

Mesmo na Igreja não lhe foi poupado o sofrimento, a incompreensão, a dúvida sutil sobre suas intenções. Seu Seminário e Instituto Teológico, formadores de uma geração de padres comprometidos com os pobres, foi fechado compulsoriamente. A Missa dos Quilombos, tentativa de uma liturgia negra, foi vetada. Chegando à idade de 75 anos, quando os bispos pedem dispensa do ministério, foi-lhe comunicado por telefone o nome do novo arcebispo de Olinda-Recife. Com o coração ferido, Dom Helder pôs-se a chorar. Não por causa do nome, mas porque nem sabia quem era o escolhido. Não se reverenciou a obra e a pessoa de alguém que teve alguns erros e opções talvez equivocadas, mas deu o testemunho de um sim contínuo e alegre à Igreja e ao povo de Deus. O novo arcebispo pareceu não ter outra preocupação senão cancelar a memória, as pessoas e as obras de Dom Helder Câmara. Chegou a ser chamado de "Richelieu do agreste".

No silêncio que santifica

Continuando a habitar em sua sacristia, Dom Helder recolheu-se no silêncio: nunca uma palavra, uma crítica, uma declaração. Aliás, ele jamais se defendia de qualquer acusação. Os santos têm a capacidade de purificar o mundo pela dor, pelo silêncio, pela oração. Como sempre fez como arcebispo, continuou a se levantar de madrugada, abrir a janela, e orar por sua amada Olinda-Recife.

Nos fim de sua vida, três jovens diáconos vão pedir-lhe a bênção

antes da ordenação presbiteral. Dom Hélder era padre havia 65 anos! Ergueu-se, abriu os braços e falou para os três como se estivesse falando para uma multidão: "Meus filhos: para mim, ser padre é algo tão grandioso que tudo o mais se torna pequeno". Depois, segurando a cruz peitoral com as mãos, com mais calor ainda: "É verdade que a vida de padre é pesada, mas a vida é uma graça imensa!"

Endereço do Autor:

Colégio Pio Brasileiro
Vila Aurelia, 527
00165 - ROMA, Itália

Ao veicular através das representações discursivas um novo tipo-ideal, a Igreja de Santa Catarina em 1914 abre-se para a manutenção de uma nova ordem político-social e para a elaboração de um projeto modernizador identificado com a construção de um Estado Nacional que se opõe a qualquer tipo de realidade antagônica e heterogênea, formadora da alteridade anômala e afastada do tipo nacional. Desta maneira, marcada por este ideal, a alta hierarquia católica, na pessoa do jovem bispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira, colocar-se-á à frente deste projeto, realinhando as distorções sociais, confirmando a postura de uma sociedade moderna e dirigindo os indivíduos que não conseguem progredir e se afirmar na sociedade.

QUANDO CHEGA O BISPO

A Igreja em Santa Catarina e o conturbado ano de 1914

Rogério Luiz de Souza

Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina